

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Osmar Silveira**

**Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira”**

**Escola Técnica Estadual Bento Quirino**

**Campinas**

**2019**

## **Ficha de Cadastro**

Tipo de Entrevista: História oral de vida

Entrevistador: Américo Baptista Villela

Instituição: Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” - Etec Bento Quirino

Levantamento de dados preliminares:

Arquivos do Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” - Etec Bento Quirino

Diálogos com o entrevistado

Elaboração do roteiro de pesquisa: Américo Baptista Villela

Local da entrevista: Centro de Memória “Orleide Alves Ferreira” da Etec Bento Quirino, Av. Orozimbo Maia, 2600 – Vila Estanislau (Cambuí), em Campinas

Data: 06 de novembro de 2019

Técnico de gravação: Edis Cruz

Duração: 20 minutos e 22 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritor: Américo Baptista Villela

Número de páginas:12

## **Sinopse da Entrevista**

A entrevista é parte da execução do projeto “História Oral na Educação: Memórias do Trabalho Docente” que está sendo desenvolvido pelo GEPEMHEP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional. A mesma foi realizada como atividade relacionada ao desenvolvimento do projeto Centro de Memória como instrumento auxiliar de ensino e pesquisa e tem como objetivo produzir registros sobre o passado recente da escola. A escolha de

entrevistar o professor Osmar da Silveira está diretamente relacionado com o fato do mesmo ter sido aluno da escola e atualmente ser um dos professores mais antigos ainda em exercício. Além disso, ele é um dos incentivadores da preservação dos suportes materiais da memória da unidade.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: novembro de 2019

Nome do Transcritor: Américo Baptista Villela

**ABV:** Estamos aqui e vamos realizar uma entrevista com o professor Osmar Silveira. A presente entrevista, professor, é parte do projeto história oral da educação profissional, memórias do trabalho docente que vem sendo executado pelo GEPMHEP, grupo de estudos e pesquisa em memória e história da educação profissional. Então professor eu pediria ao senhor, em um primeiro momento, que se apresentasse, falasse o seu nome, onde o senhor nasceu, a filiação, dados familiares do senhor.

**OS:** Meu nome é Osmar Silveira, ee, eu estou particularmente grato por representar o pessoal mais antigo aqui da escola, não é, eee, trago comigo muitas informações a partir de, do ano mil novecentos e sessenta, quando eu ainda era um aluno aqui da escola. Anh, eu fiz o curso ginásio industrial e mecânica de máquinas aqui, de mil novecentos e sessenta até mil novecentos e sessenta e três. Depois sai daqui, fui trabalhar, fui lá pro mundo lá fora, trabalhei e depois voltei para trabalhar como professor. Anh, eu sou nascido na cidade de São Sebastião do Paraíso em Minas Gerais, oriundo de uma família simples, meu pai era um ferroviário da antiga mogiana. Mogiana que foi fundada pelo nosso patrono Bento Quirino, foi ele quem inaugurou, ajudou criar e inaugurou a estrada de ferro mogiana, e, muito prazer, muita alegria em voltar aqui e trabalhar como professor no Bento Quirino. Eu vim trabalhar como professor no ano de mil novecentos e noventa e um, portanto eu estou na escola ministrando aulas a vinte e oito anos, por pouco também. (risos)

**ABV:** Professor, como é que se deu, essa mudança da família do senhor pra Campinas? Como que o senhor veio a conhecer a escola e acabar por se tornar aluno?

**OS:** Meu pai era uma pessoa muito bem intencionada e ele sentiu que nós éramos em quatro em casa, quatro filhos e ele sentiu que ele precisava novos campos, novos ares para que as crianças pudessem ter um futuro mais promissor. Então, ele pediu uma transferência lá da nossa cidade para um trabalho aqui em Campinas e foi atendido pela ferrovia e, uma vez aqui em Campinas, anh, meu irmão mais velho Adhemar Silveira se formou também no Bento Quirino e em seguida eu entrei na parte de mecânica, me formei e depois continuei a vida, estudando, fazendo engenharia e que, aconteceu de abrir as portas para eu poder voltar como professor.

**ABV:** Professor, o senhor fez, a primeira escola foi o Bento Quirino? Ou o senhor estudou em uma escola anterior?

**OS:** Anh, a escola primária, não é, eu estudei na escola Antônio Villela Junior na Vila Industrial e de lá eu vim para cá, e graças a Deus eu nunca fui reprovado em exame nenhum (risos)

**ABV:** e o senhor falou que fez a Faculdade de Engenharia, o senhor estudou aonde?

**OS:** Anh, na Faculdade São Francisco, depois de maduro, trabalhando já, então eu fiz uma faculdade que eu podia pagar porque a família não tinha recurso para isso.

**ABV:** O senhor já trabalhava na indústria?

**OS:** Trabalhava na indústria como projetista e ai eu fiz o curso a noite. O curso de engenharia, depois eu comecei a trabalhar como engenheiro e trabalhei na profissão durante uns dez anos.

**ABV:** Em empresas de metalurgia?

**OS:** Empresas de Metalurgia, todas, todas elas, era desenvolvimento de produto, controle de qualidade, projetos mesmo. Trabalhei em diversas áreas dentro, dentro da indústria.

**ABV:** Ai, como é que chegou essa vontadezinha de virar professor? Quer dizer, a, o senhor já tinha a experiência profissional e ai resolve virar professor?

**OS:** Um dia, eu moro aqui perto da escola, e um dia passeando aqui pela escola, eu entrei para matar a saudade e encontrei o professor Flavio Pimentel. Professor das antigas, a quem eu respeito muito, tinha sido meu professor, e encontrando ele no patio, sabendo que a escola precisava de um professor de tecnologia mecânica, ele me convidou e eu prontamente aceitei.

**ABV:** Ai depois, o senhor entra por concurso

**OS:** Isso.

**ABV:** No Centro Paula Souza?

**OS:** Exatamente,

**ABV:** e continua até hoje?

**OS:** É. Eu vim para suprir a falta de um professor que estava acontecendo na ocasião, ajudei a resolver o problema no momento, e depois prestei o concurso e fui efetivado.

**ABV:** E como é que era para o senhor, que vinha da fábrica, tudo em ordem, disciplina, etecetera, a relação com os alunos, quando o senhor começou o magistério?

**OS:** Inicialmente, foi meio difícil a adaptação, mas não era nada que a gente não, não pudesse superar. A adaptação, um tempo e depois nós ganhamos autonomia no trabalho e não houve mais problemas e estamos aqui até hoje, trabalhando com os alunos.

**ABV:** e o senhor acha que mudou o perfil dos alunos, de noventa e um para agora, vinte e oito anos depois?

**OS:** Não, a juventude nunca muda, desde o Império Romano (risos) os jovens tem o mesmo ímpeto, a mesma força, a mesma o mesmo talento eeee, eu não notei nenhuma diferença significativa. Os jovens são os mesmos, os professores é que, as vezes, precisam se adaptar ao momento, a tecnologia. Ahn, eu cheguei aqui na escola o computador era um sonho e hoje nós temos que trabalhar com ele em sala de aula.

**ABV:** E essa adaptação o senhor acha que foi positiva? Como é que o senhor vê isso? Essas novas tecnologias?

**OS:** Novas tecnologias, isso aí é algo que vem naturalmente de acordo com o desenvolvimento do ser humano. Cada coisa, cada invenção puxa a seguinte e a seguinte, e nós temos que nos adequar a ela. Veja o meu caso, hoje eu sou professor de desenho técnico de Autocad no computador. Trabalhava já como projetista antes e, e me adaptei a técnica e hoje sou professor de autocad na escola.

**ABV:** Deixa eu me aproveitar que o senhor foi aluno da escola, eu gostaria que o senhor falasse um pouquinho de como era a relação cotidiana dos alunos com os professores quando o senhor estudou? Quando a escola ainda funcionava no antigo prédio da Rua Culto à Ciência? O senhor se lembra, memórias pitorescas, engraçadas destes episódios?

**OS:** Ai, ai, eu teria que lembrar essas, essas passagens...mas uma coisa eu sinto que naquela época havia mais respeito entre professor e aluno, não havia nenhuma rota de colisão como a gente vê no noticiário hoje em dia quando os professores são afrontados pelos alunos. Naquela época havia um pouco mais de respeito, pouco mas havia.

**ABV:** as técnicas ali eram fundição, forjaria, como é que

**OS:** Nós tínhamos fundição, forjaria, ajustagem, serralheria, eu cheguei a pegar até torno de madeira. Tornear peça, fazer peça no torno de madeira. Ahn, foi bom, não era a minha área específica, mas foi uma área à época que nós estávamos escolhendo a área em que cada um iria atuar. Eu finalmente passei para a área de mecânica, me formei, trabalhei minha vida toda, e aí confesso que foi uma área que eu gostei de atuar.

**ABV:** De um prédio para o outro, o senhor observa alguma diferença? Do prédio antigo para o atual, como é que o senhor percebe esta mudança?

**OS:** É, eu acho que aqui nós ficamos mais bem instalados. No prédio de cima foi uma,

foi uma evolução através do tempo desde o início, quando a escola foi fundada pelo Bento Quirino, ahn, houve uma adaptação lá. Aqui não, aqui já foi projetado para ser o que está instalado ai. Então, nós ficamos melhor instalados aqui.

**ABV:** Perfeito professor. E as perspectivas? Como é que o senhor vê o futuro da escola agora? O senhor acha que a escola vai melhorar, vai crescer? Como é que o senhor está vendo isso?

**OS:** Anh, eu acho que a escola tem um futuro promissor, principalmente porque semana passada, nós, anh, recebemos um comentário que o Bento Quirino, anh, está classificada como uma das vinte melhores escolas do Estado de São Paulo, então isso é uma coisa muito boa. E o futuro, geralmente nos traz progresso, o Estado vem dando o suporte que a gente tanto necessita. Eu enxergo que a escola tem um futuro promissor daqui pra frente, principalmente porque a gente nota um interesse muito grande dos alunos, anh, em usar e aplicar as tecnologias novas que estão por ai.

**ABV:** Pegando um gancho, o senhor sabe que tem um grupo de alunos que tão se empenhando para restaurar, né, os tornos mais antigos que nós temos na escola e a gente já começou a fazer um levantamento de matérias de jornal sobre, a partir das indicativas, indicações técnicas do torno, e esses meninos estão acreditando que o senhor vai poder colaborar com eles nesse processo. Como é que o senhor vê isso?

**OS:(risos)** Nós temos que por nas mãos de Deus(risos) porque eu não dou aulas durante o dia e eu tenho a minha semana toda ocupada com outras atividades. É claro que de vez em quando a gente pode dar uma passada e verificar aquilo que eles estão realizando. O trabalho é a restauração de uma máquina, de um torno mecânico bastante antigo que estava ai na, instalado em nossa oficina e que foi, anh, mantido aqui talvez para servir de uma peça de museu, alguma coisa que sirva pra, o visual do nosso Centro de Memória, alguma coisa assim, e que os alunos consigam fazer um bom trabalho. Na medida do possível, não vou prometer que eu vou estar todo o tempo aqui com eles, mas a medida do possível, eu posso de vez em quando dar uma passadinha e ajudar. Nós já fizemos um trabalho desse na escola FIEC, lá em Indaiatuba, restaurando um torno antigo que está lá na entrada da escola, anh, enfeitando a vida das pessoas que entram pra conhecer o instituto.

**ABV:** Toco nesse assunto, até porque a ideia, o embrião da ideia de recuperar essa peça foi do professor e muito nos agradou quando em contato com os alunos, embora eles estejam muito ligados a essa questão das novas tecnologias, esse grupo de alunos conseguiu compreender, né, que ser moderno, na realidade não é desprezar o antigo e valorizar o novo, mas promover a convivência pacífica entre o antigo e o novo, por isso estão se dispondo a fazer esse trabalho, então,

**OS:** Essa máquina, ela vai ser uma boa representante da mecânica que particularmente eu conheci, que eu trabalhei com ela. Com a evolução das técnicas, evolução da tecnologia provavelmente o futuro nos reserve impressoras 3D que vão executar peças sem produzir cavacos, sem produzir sujeira, um ambiente totalmente limpo. E essa máquina restaurada vai ficar ai como um modelo daquilo que existiu e que chegou até o nosso tempo aqui e que nós conhecemos na escola.

**ABV:** Bom professor, o senhor estudou na escola em uma época onde existia uma seção masculina e uma seção feminina, como é que era a relação entre os dois os dois grupos? Entre meninos e meninas dentro da escola?

**OS:** O prédio da nossa escola era onde estava instalado o COTUCA até bem pouco tempo atrás. O COTUCA já mudou de lá, não está mais lá, mas era um prédio muito grande e estilo clássico, muito bonito, e o que nós tínhamos lá era a escola dividida ao meio, o prédio lá era dividido ao meio. Lado direito eram os meninos e do lado esquerdo eram as meninas e, geralmente a gente nunca estava juntos nos mesmos lugares. Muito bom, naquela época eu me lembro que tinha, ah, as oficinas lá no fundo, nós tínhamos uma cozinha muito grande que fazia a refeição para nós. Eu morava muito longe da escola e difícil para ir em casa almoçar, então almoçava no refeitório da escola. Uma comida muito boa.

**ABV:** E a comida era distribuída gratuitamente, vocês tinham que pagar? Como é que funcionava isso?

**OS:** Gratuitamente, tudo era feito gratuitamente. Ai nesse caso, as moças trabalhavam na cozinha pra poder aprender a se defender na hora de fazer uma refeição. Nós tínhamos lá o refeitório e tínhamos uma sala de corte e costura onde as meninas, até bem pouco tempo ainda existia material do corte e costura dentro da escola, mas isso tudo foi coisa que já passou, não é?

**ABV:** Não havia namorico, essas coisas do tipo, o senhor se lembra?

**OS:** (riso) havia namorico, havia, anh, os encontros, né, cada, cada aluno sempre tinha um cacho lá dentro (riso) e a gente saía e se encontrava. As vezes ia ao cinema, havia sim, havia um entendimento entre os alunos e as alunas. Aqui na escola agora é muito mais fácil, está todo mundo aí no mesmo pátio, não é, muito bom!

**ABV:** Antes o controle então por parte da direção, professores era extremamente rígido?

**OS:** Sim, nós tínhamos pessoas que tomava conta do pátio feminino e no pátio masculino e no corredor escuro que tinha embaixo da escola (risos) pra que não acontecesse nada estranho, ali por baixo. (risos) A escola tinha um corredor escuro no porão e era o caminho que o pessoal usava pra subir até a escola, sempre havia gente tomando conta ali, pra que nada acontecesse fora do, da normalidade. Era só, era só isso aí.

**ABV:** Nós é que agradecemos a participação do senhor, dando esse depoimento, e saiba que esse depoimento vai estar disponível no banco de entrevistas do Centro Paula Souza, aonde, assim como o senhor, outros professores também registram as suas experiências sobre a educação profissional e sobre a atuação deles como professor. Muito obrigado pro senhor.

**OS:** Não há de que. Estamos sempre prontos pra ajudar naquilo que for possível.

### **Descritores**

Escola Técnica Estadual Bento Quirino

FIEC

COTUCA

Cotidiano escolar

Osmar da Silveira

Américo Baptista Villela

Centro de Memória

### Dados Biográficos do Entrevistado



Osmar Silveira atualmente é professor da ETEc Bento Quirino tendo ministrado aulas de diferentes disciplinas nos cursos técnicos e profissionalizantes da área de mecânica. Nascido em oito de abril de 1947, filho de ferroviário, é natural de São Sebastião do Paraíso em Minas Gerais de onde se mudou para Campinas em São Paulo com a finalidade de estudar. Iniciou os estudos na Escola Estadual Antônio Vilela Junior de onde se transferiu para a Escola Industrial Bento Quirino no qual realizou o curso ginásial em mecânica de máquinas. Formado se dirigiu ao mercado de trabalho exercendo as funções de projetista de motores enquanto realizava o curso superior de Engenharia Mecânica de Processos na Faculdade São Francisco o que lhe levou a exercer as funções de engenheiro de Desenvolvimento, de Controle de Qualidade e de Projetos. A longa experiência no mercado de trabalho contribuiu para que em 1991, o ex-aluno retornasse como professor para a ETEc Bento Quirino na qual permanece até os dias de hoje.

### Dados Biográficos do Entrevistador



Professor Américo em Sala de Aula da ETEc Bento Quirino em 1994

Fotografo: aluna Lis Peres

Américo Baptista é professor da Etec Bento Quirino e historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o ensino médio pela manhã e o técnico em Contabilidade no período noturno na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Aurélio Arrobas Martins”. Concluído o ensino médio, ingressou no curso de história da Universidade Estadual de Campinas onde obteve os títulos de bacharel e licenciado em história no ano de 1991. Em 1996, retornou à pós-graduação em história na mesma universidade, iniciando o mestrado com o projeto Os (des) caminhos da cultura: política cultural e memória em Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari. Em 1997, foi forçado a interromper os estudos, obtendo o título de especialização em história social. Em 2008, retorna à pós-graduação, agora na Faculdade de Educação da Unicamp ingressando no mestrado e obtendo o título de mestre em 2011 com a defesa da dissertação O instituto profissional masculino Bento Quirino: uma visão social ideológica, maçônica, industrial e republicana, sob orientação do Prof. Dr.

Sérgio Eduardo Montes Castanho. No mesmo ano, cursa a especialização em História da África e das culturas afro-brasileiras tendo como temática Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula, sob orientação do Prof. Dr. Acácio Almeida apresentando o ensaio A lei, ora a lei : uma análise da aplicação da lei 10.639 na ETEc Bento Quirino em campinas, que foi publicado posteriormente na obra Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem. 1ed.Campinas: Pontes, 2013, v. , p. 107-130. organizada por Monari Evelyn Belo, Eraldo Leme Batista e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Endereço plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2252310371562744>

**Anexo: (Documento sigiloso e não aberto online ao público):**

Termo de Autorização para uso de Imagem